

INFERNO PROVISÓRIO E A MODERNIZAÇÃO DO BRASIL: UMA LEITURA DE LUIZ RUFFATO

INFERNO PROVISÓRIO BY LUIZ RUFFATO: AN ANALYSIS OF THE BRAZIL
MODERNIZATION'S

Ingrid Zanata Riguetto ⁷⁷

RESUMO: Neste trabalho, serão investigadas as peculiaridades literárias que fazem da obra *Inferno Provisório* (2016), de Luiz Ruffato, um romance original que, por sua linguagem experimental, sua organização interna e seu compromisso com o real, permite entrever uma releitura crítica dos discursos histórico e literário. Desse modo, abre-se caminho para a inter-relação da história com outras ciências humanas, as sociais, por exemplo, e com a própria arte, levando, portanto, a uma visão crítica sobre o Brasil em processo de modernização (1930–2003). Assim, a partir da análise dos espaços literários, que representam os ambientes criados e reorganizados com a inserção efetiva do Brasil no capitalismo, entende-se que a obra de Ruffato pretende a revisão dos últimos cinquenta anos da história brasileira, em uma leitura a “contrapelo” da história oficial nacional, sem, no entanto, sem perder ou diminuir as riquezas estéticas da arte literária.

PALAVRAS-CHAVE: Marginalização; Modernização brasileira; Experimentalismo; Luiz Ruffato.

ABSTRACT: In this paper, will be examined the literary particularities, which make the work *Inferno Provisório* (2016), by Luiz Ruffato, an original novel that, by your experimental language, your inner organization and your loyalty to the real, allows to preview a critical rereading of the historic and literary discourses. Thus, a way is opened up to the inter-relation of history with other human sciences such as the social science and with the art itself, leading, therefore, to a critical view of Brazil in the process of modernization (1930–2003). So, from the analysis of literary spaces, which represents the environments created and reorganized with the effective insertion of Brazil into capitalism, it is understood that Ruffato's work intend to revise the last fifty years of the Brazilian history through a counter-wise reading of the official national history, without, however, losing or diminishing the aesthetic richness of the literary art.

KEYWORDS: Marginalization; Brazilian modernization; Experimentalism; Luiz Ruffato.

⁷⁷ Doutoranda no programa de Pós-graduação em Letras da UNESP/IBILCE. E-mail: gridrigue@gmail.com

1. TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIA

Na obra *Inferno Provisório* (2016), o espaço assume grande importância temática e estrutural, já que, por meio de uma linguagem fragmentária e poética, narra as falhas e descasos do capitalismo no interior do Brasil a partir das trajetórias individuais dos pobres, miseráveis e marginalizados, focalizadas de seus locais íntimos e privados. Logo, o pobre não é somente representado pela lógica do trabalho, como empregados, desempregados e operários, em seus locais de trabalho, na indústria, na casa do patrão; o pobre é narrado e narra-se pela sua intimidade. Dessa forma, o livro preocupa-se em mostrar as consequências da modernização capitalista na e pela periferia do mundo: o Brasil, de 1950 à contemporaneidade, pelo viés dos desvalidos.

Assim, cingido por níveis de tempo e espaço, o romance expõe ficcionalmente, em um primeiro plano, os bairros periféricos tanto de Cataguases como do Rio de Janeiro e de São Paulo. Narra, portanto, as consequências mais cruéis do capitalismo, as diretamente ligadas à população mais pobre. Ademais, em um segundo plano, as personagens principais possuem vínculos estreitos com a região da Zona da mata mineira (Cataguases, Ubá, etc.), que, apesar de próxima aos grandes centros econômicos brasileiros, caracteriza-se pelas suas cidades de pequeno e médio porte. Por conseguinte, mostra o Brasil em processo de desenvolvimento capitalista pelo seu interior. Finalmente, em um terceiro nível espacial, mostra uma visão histórica, geral e panorâmica, acerca dos problemas da modernização capitalista, por meio de uma maior visualização dos menos favorecidos.

2. A ROÇA, O BECO E A FAVELA

Seja pelo espaço da pequena propriedade rural, pelo “beco do Zé Pinto” ou pelos bairros pobres e favelas dos grandes centros urbanos brasileiros, Ruffato assume sempre, como ponto de partida de suas narrativas, o espaço em

situação de exclusão e vulnerabilidade, para onde vão os desvalidos da cidade. A construção do espaço tem, diante disso, importância tanto estrutural, já que utiliza a descrição, dentre outros mecanismos, para caracterizar o microambiente físico da cambaleante urbanização brasileira; quanto temática, visto que, a caracterização literária do Brasil, de Cataguases e do beco do Zé Pinto, são metáforas importantes na compreensão das raízes dos dilemas contemporâneos brasileiro.

O primeiro capítulo de *Inferno Provisório*, portanto, parte do ambiente rural, com referências à formação da propriedade rural, para expor e referenciar o processo de êxodo rural, entendido, historicamente, como o início da formação das cidades brasileiras modernas. Assim o capítulo *Uma fábula é* marcado pela oposição temática entre a monocultura agrícola, simbolizado pela constituição da personagem de Antônio Micheletto - velho proprietário de terras italiano que conquistou e construiu sua propriedade - e a estrutura urbana, simbolizado pela figura de André - filho de Micheletto, que sonha em trabalhar nas indústrias e morar nas cidades, rompendo, portanto, com a ordem imposta pelo pai. Segue um trecho:

(...) um dia encorajar-se, aventurar em Ubá, dizem que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases-Ubá, janelas pintadinhas de olhos, baixava a canga, iria ainda, deixa estar, arrumava emprego numa fábrica de móveis, ganhava dinheiro, punha um implante de dente de ouro na boca, e, depois sim, caçava uma noiva, casava, pois a que outro fim se destina a vida? (RUFFATO, p. 22, 2016)

De nascimento difícil, André torna-se o auxílio de seu pai no campo, porém, apesar de passar horas na lida da roça, sonha com a possibilidade da vida na cidade. Diante disso, a personagem de André marca a oposição ao seu pai, Antônio Micheletto, que, ao apossar-se da terra, estabelecendo-se como proprietário, mostra-se como símbolo do patriarcado rural, determinado em

consolidar-se na estrutura fundiária brasileira, mas que, no entanto, se vê com menos espaço e importância diante das tecnologias hodiernas geradoras de novos artigos de consumo. Logo, enquanto o velho Micheletto é símbolo dos valores do patriarcado rural, a figura de André sugere a modernização, simbolizada pelas cidades.

Não de forma fortuita, o capítulo começa e termina com André. O nascimento de André, logo no primeiro parágrafo, faz referência ao crescimento das cidades no Brasil; contudo, no final do capítulo, é possível sugerir que o garoto só conseguirá participar desse ambiente pela via ilícita, marcando, de forma literária, o processo de exclusão pela qual foi realizada a nossa modernização, já que, um grande contingente de trabalhadores do campo migrou para as cidades formando regiões periféricas, já que nosso incipiente ambiente urbano não estava preparado para receber essa população.

Para ambientar o capítulo, Ruffato tenciona as estruturas econômicas brasileiras ao criar personagens estereótipos do ambiente rural e do urbano; ao mostrar relações socioeconômicas que remetem a meados do século XX; e ao descrever objetos próprios da materialidade do período. Logo, a zona rural é mostrada a partir da extrema autoridade do pai, da opressão da mulher, do labor na roça e da carroça; já a cidade é trazida para a obra pelas indústrias, pelos meios de transporte, pelo comerciante. Gradativamente, no transcorrer da obra, os tipos ligados ao campo perdem força da obra e a personagem de Antonio Micheletto acaba por se isolar entre as suas criações. No entanto, seus filhos estabelecem-se nas cidades próximas, cercando-se de novas relações. Segue um trecho do capítulo:

André, esse é o Salvador”, disse, apresentando um sujeito mais velho que ambos, trinta anos talvez, espessa barba preta, apertou a mão sem calos, “Salvador, seu criado”, falou, simpático, “André”, balbuciou, “Seu criado”, repetiu encabulado, “Vou precisar muito de vocês”, afirmou, infiltrando na multidão aglutinada em frente ao

palanque, onde o Santo Chiesa leiloava as prendas, um garrote o maior lance, ouviu, ao passar debaixo do alto-falante dependurado na árvore, “Pedro”, falou, sôfrego, acompanhando com dificuldades os passos do irmão no meio do povo, “Pedro, o quê que esse Salvador fez que vai precisar tanto assim da gente?”, e ele, tentando não perder de vista o homem, respondeu, apressado, “Nada ainda... Vai fazer...” (RUFFATO, 2016, p. 22).

Ruffato, em *Inferno provisório*, orla-se literariamente pelo processo de modernização brasileiro. Logo, assume como pano de fundo, que perpassa e envolve de forma panorâmica e abrangente todas as narrativas da obra, a temática da inserção forçada do Brasil nos processos de industrialização e urbanização - interessantes às elites brasileiras e às nações desenvolvidas -, mostrando, conseqüentemente, suas causas e suas conseqüências. Nesse contexto, tal processo foi iniciado por meio de êxodo rural forçado e acelerado, no qual a população do campo foi impelida às cidades, restando-lhes, em muitos casos, apenas a ilegalidade e a marginalidade para a sobrevivência, já que as cidades não estavam preparadas para recebê-los. André, como se pode inferir na leitura do trecho selecionado, é guiado por “Salvador” – um conhecido de Pedro, seu irmão - à ilegalidade, fato simbólico que representa o caminho mais rápido, e muitas vezes o único, ao acesso pela população pobre e excluída às modernidades lançadas no Brasil em meados do século XX.

Os demais capítulos de *Inferno Provisório*, já situados no ambiente urbano, direcionam-se às problemáticas desencadeadas pela modernização, representando, por meio da ficção, os novos espaços e agentes sociais que surgem com a urbanização e industrialização brasileira. Assim, no segundo capítulo desponta a imagem do beco do Zé Pinto, espaço ficcional estabelecido na periferia de Cataguases. Tal espaço, um dos principais da obra, é de local de abrigo à diversidade, já que para lá vão os desvalidos da cidade - aqueles que não herdaram os espólios da modernização. Formado por um conjunto de casas muito simples na periferia de Cataguases, o beco é a localidade de ligação entre

a maioria das personagens da obra, visto que muitas são moradoras ainda; outras o habitaram, mas migraram para outros espaços; e por fim, alguns não vivem em tal espaço, mas possuem familiares:

Não pagou aluguel? Descia as escadas revólver em punho, um Smith & Wesson niquelado, calibre 38, que até outro dia andava jogado pela gaveta da cômoda. O inquilino engrossou a voz? Pois salivava bem no nariz do turuna. E não viessem com engabelação, que era perito nos truques e mazelas da gentalha. Pôs pra fora os trens de muita família que nem de baixo da ponte podia refugiar, de tão pobre. A mulher estrebuchando no corredor, desesperada, arrancando os cabelos, as crianças de nariz escorrendo e cabelos cheios de pereba esgoelando, o marido agoniado, Pelo amor de Deus, seu Zé Pinto, não tenho pra onde ir! Pelo amor de Deus! Fazer o que? Problema seu não era. Povoou os entreparedes para melhorar de vida, não para fazer bonito. Contava com o acerto no fim do mês. Os compromissos. Não pagou? Rua! Não podia ter coração mole (RUFFATO, 2016, p. 226).

Seu Zé Pinto, o proprietário do beco, é descrito muito assemelhado à imagem de João Romão, de *O cortiço*, já que, de origem simples, ascende socialmente a partir do acúmulo da renda dos aluguéis de seus casebres. Assim, tornou-se a representação literária do pequeno-burguês, os pequenos comerciantes, gerentes de produção, trabalhadores do setor de serviços, ou seja, parte do grupo intermediário da sociedade capitalista. Segundo Norberto Bobbio (1996), a pequena burguesia é o grupo que, apesar de se assemelhar mais ao proletariado, tanto na sua origem quanto na sua renda, identifica-se ideologicamente com a alta burguesia. De acordo com o historiador:

A pequena Burguesia, mesmo se proletarizando cada vez mais econômica e socialmente, (...) adquiriu características sociais cada vez mais autônomas e originais. Na base de seu comportamento político (...) encontram-se hoje atitudes irracionais e extremistas. Estas atitudes evidenciam sua reação diante da sociedade de massa que nada mais concede ao indivíduo "pequeno-burguês", que conseqüentemente encontra sua segurança e sua maneira de se impor na subversão de direita; daí, a adesão de muitas camadas de comerciantes, artesãos, pequenos funcionários públicos e particulares a movimentos fascistas ou similares. Por outro lado,

também há "pequenos-burgueses" que pensam em se emancipar de sua condição de alienação aceitando o espírito revolucionário abstrato da subversão de esquerda, onde o extremismo é percebido como "remédio" contra a "velhice" das relações sociais no mundo moderno. É evidente que, principalmente no que se refere à segunda alternativa, trata-se de uma Burguesia fundamentalmente intelectual, que não vislumbra uma sua saída nesta sociedade altamente industrializada, assumindo assim uma posição análoga à do sub-proletariado com relação ao proletariado (BOBBIO, 1996, p. 133)

Por assumir tais aspectos caricaturais e rasos, ou seja, construídos a partir de traços de personalidade exagerados e propositalmente acentuados, Zé do Pinto torna-se a personificação da opressão, em sua microestrutura social. Isso posto, apesar de tão excluído quanto seus inquilinos - inclusive e muitas vezes pelos mesmos níveis de violência, como a estatal - distingue-se socioeconomicamente dos mesmos por ser proprietário. Assim, é símbolo da meritocracia, visto que ascende socialmente a partir da renda gerada pelas suas casas populares. No entanto, também se transformou em vítima do mesmo sistema que lhe favoreceu, pois, por não conseguir acompanhar o ritmo das mudanças sociais impostas pela modernização, seus rendimentos caem, tornando-se ultrapassado. Dentro desse determinante local discursivo, é encontrado também, em *Inferno Provisório*, a personagem de Antônio Português, dono da Merceria Brasil, que vive do lucro advindo das vendas às camadas paupérrimas que habitam o beco do Zé Pinto:

O Beco inteiro compra fiado na venda dele anotava na caderneta menos ela. Uma manhã se pegou assustando: como ferver aquele mundaréu de roupa se não tinha dinheiro nem para o querosene? Acendeu o pito, e, cachimbando, tomou a resolução de ir falar com o seu Antônio. Não era possível ele não fiar para ela. Que perguntasse para o seu Zé Pinto se ela não pagava o aluguel e a pena d'água direitinho, todo fim de mês, nota sobre nota; e se não pagava o Homero para rachar lenha para ela, de quinze em quinze dias; que especulasse de todo mundo se devia para alguém, se reuniam alguma queixa contra ela, uma mulher direita, sim senhor. (RUFFATO, 2016, p. 26)

No capítulo denominado *A mancha*, Antônio Português aparece pela primeira vez. Caracterizado como pequeno comerciante, dono de mercearia, aproveita-se da carência financeira de seus clientes para adquirir favores, inclusive sexuais, como se estabelece sua relação com Bibica, ex-prostituta, mas que, no momento do discurso, trabalha como lavadeira, moradora de quarto simples do beco, onde cria seus filhos: “A custo, arrumara aquele barraco no Beco do Zé Pinto, sem força, amontoados todos no mesmo cômodo, um fregê! Sofria com a fama de perdida, queria apagar aquela passagem, uma gosma, uma lepra, uma nódoa que não saía nem esfregando com todo o sabão do mundo. Dessa mancha aproveitou seu Antônio, bode velho (RUFFATO, 2016, p. 26)”.

A clientela do português possuía a comumente prática de marcar dívidas em uma caderneta, ou seja, o estabelecimento das relações de “fiado”. O “fiado”, procedimento rotineiro no Brasil até as décadas finais do século XX, e que persiste em localidades mais simples, é o início da venda parcelada. É assim que, tal procedimento, apesar de parecer um favor por parte do pequeno comerciante, tornar-se-ia um meio de forçar a compra, gerando um aprisionamento do consumidor ao estabelecimento mercantil.

Com o devir de sua história, Antônio Português, à custa da exploração desses desvalidos, que necessitam dos alimentos e produtos variados de uso cotidiano, consegue transformar o que era uma pequena mercearia em um mercado bem estabelecido. Assim, Antônio Português também se sente superior àquela população de miseráveis, pois, como proprietário, domina e controla a compra e o consumo daquela região. Não obstante, principalmente na sua relação com Bibica, essa exploração não se estabelece somente no âmbito socioeconômico, pois, respaldado pela sua posição social - de homem branco, heterossexual e de classe mais favorecida - Antônio oprime Bibica também em níveis de gênero e de raça.

Dando sequência ao processo de formação do Brasil contemporâneo, Ruffato, nos próximos capítulos, representa a excludente construção das metrópoles brasileiras a partir da migração desses pequenos e médios núcleos urbanos, estabelecidos na zona da mata mineira, a essas grandes cidades. Ao retratar essas cidades globais, a partir da perspectiva dos imigrantes que as compõem, *Inferno Provisório* dedica-se a expor os dilemas da modernização desses grandes centros. Evidencia, por exemplo, a constituição de favelas, a violência que julga e puni o pobre, e, conseqüentemente, a desigualdade social. É então que, Ruffato expõe o viés excludente da formação do Brasil contemporâneo.

No capítulo *Sorte teve Sandra*, por exemplo, tem-se a construção da personagem Sandra, garota pobre de Cataguases, que para melhorar de condições socioeconômicas muda-se como doméstica junto aos Prata para a cidade do Rio de Janeiro. Após algum tempo morando na cidade maravilhosa - em um sistema de semiescravidão, por habitar um pequeno quartinho no emprego e possuir pouco tempo de descanso - consegue brechas maiores no trabalho, passando, em seu tempo livre, a frequentar festas em bairros distantes de Botafogo e conhecer pessoas. É então que se vê grávida e precisando voltar para Cataguases.

Depois de oito anos, *Sandra* retorna ao Rio de Janeiro para trabalhar como dançarina em uma boate de Ipanema; aluga um apartamento pequeno em Botafogo; apaixona-se por um músico que a rouba; fica grávida novamente; adquire AIDS:

Depois, quando soube-se com aids - ela e o Kaíke, ainda mamão -, apelou ao doutor Samuel, que, demandando contra a Previdência, acertou encostá-la na INSS, um salário-mínimo limpo todo quinto dia útil do mês. Alardeavam, o bairro inteiro, que ela sim, tivera sorte, porque, ao invés de encafiar em Cataguases, bicho-do-mato atrás de tanque de lavar roupas ou iludida dentro de uma tecelagem, correta mundo, tornara esperta, astuta, ladina, e agora podia desfilar pavã pelas ruas da cidade... (RUFFATO, 2016, p. 324).

Nesse trágico espetáculo vivido por Sandra, a cidade grande é mostrada pelos seus descaminhos, o da exclusão e da desigualdade social. Pois, ao contrário de seus padrões, que perpetuam a sua condição social privilegiada a partir de carreiras tidas como abastadas, Sandra, primeiramente como empregada doméstica e depois como prostituta, consegue ampliar seus rendimentos e ter acesso ao “progresso da modernidade” por vias turvas e sinuosas. Logo, a cidade é vetada ao pobre, que, em busca de sobrevivência, traça caminhos alternativos para resistir à urbanidade hostil. Tais meios, por sua vez, são tidos como ilegítimos pela classe dominante, o que mantém a lógica de opressão e culpabilização do pobre, perdurando as elites em seu estratégico e confortável local de mais favorecido. Assim, aos filhos de Dona Diana é possibilitada melhorias, estudos, realizações profissionais; já a Sandra, o acesso aos bens de consumo, é possível pela prostituição, ou seja, pela venda de sua única posse, a de seu corpo. Segue um trecho do capítulo *Sorte teve Sandra*:

A Sandra é que teve sorte: os pezinhos batizados nas salgadas águas das praias da Bica e da Engenhoca, na Ilha do Governador – quando, lá atrás, habitaram a Cacuia, o Morro do Dendê – jamais esqueceram o atalho para o Rio de Janeiro. Embora atirada às faldas de Cataguases, no engatinho da adolescência, arremedava-se carioca, caprichante no sotaque melodioso e sibilante e nos gestos despachados de gente de cidade grande, odiando cada manhã espertada no cubículo triste do Paraíso (RUFFATO, 2016, p. 321).

Nesse primeiro parágrafo do capítulo, a sorte de Sandra está atribuída em sair de Cataguases, não importando a consequência trágica dessa migração - as gravidezes, a prostituição e a AIDS. O fato de ter saído de sua cidade natal, morado no Rio de Janeiro e, por fim, conseguido aposentar com um salário mínimo é fator de sorte aos seus familiares e conhecidos que ficaram em Cataguases. Esse posicionamento reafirma a desventura de Sandra, pois

ênfatizar a sorte em sair de Cataguases é perceber uma ignorância natural de seus familiares à catástrofe decorrida dessa atitude. Tais elementos dão tons de ironia ao texto, atribuindo-lhe, inclusive, elementos da tragicomédia, já que, apesar de clara a conclusão do leitor de que Sandra, na verdade, nunca teve sorte, as personagens e o narrador onisciente neutro afirmam persistentemente, quase como um mote, a sorte que Sandra teve.

Diante de tais características, a personagem de Sandra constituindo-se como um tipo, visto que tudo o que sabemos sobre ela são aspectos físicos e sociais reproduzidos pelo narrador. Assim, sem elementos de sua profundidade emocional, a partir do bloqueio de sua voz interna e a anulação de suas perspectivas interiores, a voz externa torna-se a única a ser exposta pelo narrador, e, ainda assim, de forma reduzida. Essas perspectivas contribuem para a acentuação do elemento trágico na narrativa da vida de Sandra, pois, depreende-se que a manifestação de voz é negada ou impossibilitada à doméstica/prostituta, por ser entendida como uma personagem incapaz de manifestar-se na narrativa, fato decorrente da intensa privação material que sofreu e sofre.

Assim como em *Sandra teve sorte*, em *Outra fábula*, último capítulo de *Inferno Provisório*, há a relação entre a terra natal, no caso Cataguases, com o atraso ou o fracasso; já a região metropolitana, seja ela São Paulo ou o Rio de Janeiro, é vista como símbolo do progresso. Segue um trecho de *Outra fábula*:

São Paulo é um mundo, as palavras do pai ressoaram na noite iluminada por uma enfermiça lâmpada de quarenta velas, sombras disformes escorrendo irreais pelas paredes. Sentados à mesa, recoberta por uma puída toalha xadrez, devoravam a broa de fubá, ainda quente, recém-desenformada. A mãe, encurvada, devoravam a broa de fubá, ainda quente, recém desenformada. A mãe, encurvada, arrastando suas varizes de um lado para o outro, perguntava, Mais café, quer?, adivinhando, angustiada, que naquele exato momento perdia o caçula, irremediavelmente.... (RUFATTO, 2016, p. 390).

Em *Outra fábula* é narrada a história de Luís Gustavo, apelidado Guto, que, ao formar-se em jornalismo, vai de Cataguases para São Paulo, em busca de uma carreira estável. O capítulo começa e termina com Guto competindo na São Silvestre, no entanto, é preenchido por histórias que narram os remorsos, rancores e angústias advindos de seu passado em Minas Gerais e das consequências da vida em São Paulo. A vida de Guto, quando vista pelos olhos das outras personagens, mostra-se de forma aprazível, como alguém de conquistas materiais e intelectuais; porém tais conquistas não são sentidas pela personagem principal, o que o joga em um ambiente de auto piedade e rancor. Segue o trecho:

Outro, talvez, nos primeiros tempos desistisse. Sem rumo, esquadrinhou o centro da cidade, onde as tardes esbatem-se fatigadas, a sola do sapato desabituada a tanto andar, zigzagando zozna entre vozes que apregoam pedem protestam bradam solicitam impõem pregam abordam seduzem oferecem exigem incentivam mendigam sussurram incitam repreimem bramem vão clamam reclamam proclamam, buzinas buzinas buzinas, roncam motocicletas roncam carros roncam ônibus roncam caminhões roncam carretas helicópteros roncam não há vagas volte outra hora sabe dirigir? tem veículo próprio? experiência no ramo? resmungos desprezos desdêns até

Office-boy no escritório Souza, Martinez, Ranieri & Lima Advogados (...) (RUFATTO, 2016, p. 403-104).

Guto, a personagem principal desse capítulo, talvez pela maior profundidade dada a seu personagem, o que pode enfatizar a sua formação acadêmica, possui consciência de seu drama, o que dá à narrativa dimensão trágica. Encontra-se em Guto traços do herói moderno, que vive a angústia da busca incessante pelo reconhecimento e por definição, já que, apartado do senso comunidade, também não se adapta aos valores do individualismo.

3. ENTRE A PERMANÊNCIA E A RUPTURA

É possível constatar por todo *Inferno Provisório*, assim como a própria construção da nação brasileira, como já dito, um fio condutor que perpassa a trama, a temática e a forma literária na obra: a permanência e a ruptura. Perante a forma, a obra constrói-se entre o conto e o romance, pois são histórias que apesar de poderem ser lidas separadamente, possuem uma leitura diferenciada e sequencial quando lidas juntas. No plano da construção da narrativa, a linguagem fragmentária rompe com os padrões tradicionais da narrativa realista, posicionando a obra em um realismo apenas temático, longe da narrativa descritiva muito utilizada no século XIX. No plano da construção temática, procura recontar a história da formação capitalista no Brasil, porém pelo viés do menos favorecido, confrontando o discurso histórico tradicional, baseado na história positivista dos vencedores.

Ruffato, dessa forma, traz para a construção literária de *Inferno Provisório*, um movimento comum à história brasileira: a conjugação de forças opostas para a manutenção dos privilégios de um grupo. É assim que, a partir da década de 1930, as novas estruturas capitalistas tiveram que se unir e articular às antigas estruturas ligadas a elite agrária que buscavam sempre a manutenção de suas vantagens.

REFERÊNCIAS

RUFFATO, L. *Inferno Provisório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.